

CARAVANA PEREIRA BARRETO

José Eduardo de Oliveira BRUNO

Antes de falar da caravana, é necessário e mister que se faça uma introdução a respeito de Luiz Pereira Barretto que foi o mais ilustre membro de uma tradicional família de cafeicultores no século XIX.

Seria interessante inicialmente esclarecer o leitor, para que se tenha “a priori” uma noção sumária, de quem foi este personagem, atualmente tão esquecido pelos seus patrícios e conterrâneos.

Dr. Luiz Pereira Barretto, é uma das mais significativas figuras do pensamento nacional. Viveu oitenta e três anos, nascendo em Resende-RJ à 11 de janeiro de 1840 e falecendo em São Paulo à 11 de janeiro de 1923. Desde 1864, quando retornou ao Brasil, após graduar-se, começou a desempenhar um importante papel na vida científica e intelectual brasileira.

Filho do Com. Fabiano Pereira Barretto, resendense e figura de maior projeção no cenário político e social do município, alcançando todos os mais importantes postos da representação política local. Seu pai foi uma personalidade com um espírito dos mais adiantados e operosos da época, fazendo de sua fazenda “Monte Alegre”¹ na então freguesia da Vargem

⁽¹⁾ Fazenda Santa Terezinha do Monte Alegre, existe ainda hoje (2002), apesar de encontrar-se em péssimo estado de conservação. Fica situada nas margens da estrada da Resende-Fumaça, na Vargem Grande. Na propriedade de 80 alqueires ainda estão instalados uma escola e uma igreja, além das casas de colonos, um armazém, três currais e vários silos. Também existem ruínas de casas antigas, senzalas da época do império. Ao lado da sede ou ‘Casa Grande’ como ainda hoje é chamada por méritos, o interessado que desejar conhecer um pouco de sua história vai notar um velho pé de café. O único e, talvez, último Bourbon da Vargem Grande que lembra ao futuro a época de ouro da economia resendense...

Grande, um campo de demonstração prática da adaptação das terras resendenses às novas culturas, como a exploração do plantio de chá, a experimentação da cultura do café, tipo Bourbon, até então desconhecida no Brasil, a plantação de tabaco, ...etc.

Sua mãe chamava-se Francisca de Salles P. Barretto, prima de seu pai, e de tradicional família de Guaratinguetá - SP.

Em Resende, aprendeu as primeiras letras, fazendo ainda parte de seus preparatórios no Colégio Brasil, de Joaquim Pinto Brasil, depois concluindo seus estudos no Colégio João Carlos em São Paulo. Posteriormente seguiu para Bélgica com o objetivo de estudar medicina, porém não pôde ingressar imediatamente na Universidade de Bruxelas, pois era exigido dos estudantes um conhecimento mínimo de grego, que Barretto não tivera oportunidade de estudar no Brasil. À vista de tal exigência, passou um ano a estudar o grego, e no seguinte iniciou seus estudos superiores em ciências naturais e medicina. Em 1864 doutorou-se com “grande distinção”, tendo recebido um convite de seus mestres para “agrégé” da universidade, continuando como professor, a brilhante carreira que principiou como aluno. Entretanto, saudoso de sua pátria, que não visitava há muito tempo, Barretto, mesmo pensando em continuar na Bélgica, quis vir antes ao Brasil, onde seus planos seriam modificados e sua vida tomaria outros rumos. Em 1865, revalidou seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro defendendo a tese de suficiência:

“Teoria das Gastralgias e das Neuroses em Geral”, clinicando em Resende até 1869, quando transferiu-se para Jacareí, onde se casou com Carolina Peixoto², aos 28 anos de idade. Positivista ortodoxo, inicialmente, pois durante sua permanência na Bélgica, o jovem estudante transformar-se-ia em um discípulo apaixonado das doutrinas de Augusto Comte, tornando-se um positivista integral. Chegou a publicar algumas importantes obras de cunho positivista, tais como: *As Três Filosofias*;

(2) Carolina Peixoto, filha do português Antônio da Silveira Peixoto e de Ana Leopoldina Peixoto. Com ela, Luiz Barreto teve quatro filhos: **Clotilde Augusta Pereira Barreto** que foi casada com o Dr. Jesuino Ubaldo Cardoso de Mello; **Luiz Pereira Barreto Filho** que faleceu na primeira infância; **José Pereira Barreto Neto**, nascido em 1874 e foi um grande fazendeiro em Matão e **Paulo Pereira Barreto**, nascido em 1884 e falecido em 1955 em Tatuí onde se encontrava em tratamento de saúde. Morreu solteiro.

Soluções Positivas da Política Brasileira; Positivismo e Teologia, que muito influenciaram a intelectualidade da época. O Positivismo no final do século passado e início do XX, exerceu forte influência não só na intelectualidade, mas também entre a classe política e militar, pois o lema de nossa bandeira “Ordem e Progresso”, foi fundamentado no preceito positivista “Amor como princípio, Ordem como base e Progresso como fim”.

Durante sua formação na Europa, com os amigos brasileiros Joaquim Alberto Ribeiro de Mendonça e Francisco Antônio Brandão Junior, Luiz Barreto dedicou-se ao estudo de filosofia, principalmente do positivismo. Tornou-se amigo de Pierre Laffitte, discípulo de Auguste Comte, o fundador da doutrina positivista. O positivismo é uma filosofia materialista, mas empírica, que propõe respeitar os passos do homem como inventor e herdeiro da história. Essa filosofia está intimamente ligada à moral cristã ortodoxa. E isso marcou a formação de Luiz Barreto. Tanto que, de volta ao Brasil em 1864, escreveu a Laffitte, em 14 de dezembro suas impressões da terra natal: *“a doutrina regeneradora não encontrará aqui muita oposição. As câmaras legislativas estão no auge do descrédito e o clero, em desordem, só continua a subsistir pela tolerância da população que não encontra coisa melhor. Os padres são ignorantes e de sórdida falta de vergonha. Só fazem destruir os bons resultados da influência dos Jesuítas”*.

Em 1876, Pereira Barreto pressentindo que o café no Vale do Paraíba estava com os seus dias contados, devido a exaustão das terras, pois o café era tratado quase como riqueza extrativa, cobrava caro o desleixo empírico com que era cultivado. Começou publicar uma série de artigos na imprensa de São Paulo sobre a **“terra roxa”** do “Oeste” paulista³ que com sua fertilidade maravilhosa seria o novo campo de ação da cafeicultura brasileira.

Considerado o primeiro agrônomo do Brasil, ele escreveu uma série de artigos sobre as causas do declínio da cultura do café em terras fluminenses - na sua opinião, principalmente pela falta de adubação - e sobre as vantagens da “terra roxa”, publicados no jornal **“A Província de**

⁽³⁾ A região de Ribeirão Preto era chamada de **“Oeste”** porque referiam-se a ela, a partir da Capital. A atual geografia, porém, situa os pontos cardeais em relação ao epicentro da área mencionada, ou seja, em relação ao centro Estado de São Paulo, a região de Ribeirão Preto está a **“Noroeste”**.

S. Paulo”, nos dias 2,3,5,6,7,8 e 10 de dezembro de 1876, que, sem sombra de dúvidas, podemos considerar, que foi de fato, a **Certidão de Nascimento de Ribeirão Preto**.

Os textos duros, porém realitas com sua terra natal fluminense (“não se precisa ser profeta para avançar, sem receio de errar, que os seus dias estão contados e que mais sombrio prospecto de futuro já ameaça e a domina efetivamente”) e generosos com a “terra roxa” (“...Não é possível deixar de ao menos assinalar a espessura da camada do terreno roxo. É esta espessura que torna as terras do Oeste sem rivais no mundo e que distância a perder de vista a sua lavoura da do resto do império”).

Foi o começo do êxodo por parte dos cafeicultores do Vale do Paraíba, sobretudo de Resende⁴, pois ecoava a voz do ilustre patricio como grande era o prestígio junto a sua originária grei.

⁽⁴⁾ **Resende**, foi a região pioneira da grande cultura do cafeeira em nosso país. Foi o primeiro pedaço de terra brasileira onde o café encontrou acolhida com os elementos que foram propícios para o seu desenvolvimento. Todas as memórias confiáveis, que tratam da propagação do café na Província do Rio de Janeiro, são uniformes em atribuí-la a pouco depois de 1770, isto é, logo que a espécie já cultivada nesse tempo nas terras do convento dos padres Barbadinhos e na chácara do holandês Hoopman, na rua São Cristóvão no Rio de Janeiro. Este, forneceu as sementes que se propagaram pelo interior da província. Foi dali que os padres Couto e João Lopes, receberam as plantas que foram distribuídas no caminho de Resende pelo primeiro e através do distrito de São Gonçalo seguindo em direção ao noroeste fluminense, pelo segundo, onforme mencionou João de Azevedo Carneiro Maia em seu livro referencial sobre a história de Resende: “Notícias Históricas e Estatísticas do Município de Resende, desde a fundação” de 1891 e também a “Seleta Brasiliense” de J.M.P. Vasconcellos, pag. 222, impressão de 1868. Por outro lado é sabido que neste mesmo tempo, muito se esforçara o Marquês do Lavradio, então Vice-Rei do Brasil, no empenho de disseminar a cultura do café, desta forma distribuindo grande quantidade de sementes pelos distritos de São Marcos (atual Piraí) e do Campo Alegre (atual Resende), apelando a um poderoso incentivo empregado, que era isentar do serviço milícias a todo o lavrador que provasse ter plantado certa quantidade de pés de café. Conclui-se do exposto que feita a sementeira em 1775, antes de 1785 já deviam existir alguns cafezais em efetiva produção. Consta que os primeiros cafezais de Resende se formaram em torno da sede da freguesia, e nos sítios próximos, de onde foram sendo transportadas muitas mudas para os municípios vizinhos (fluminenses e paulistas). Resende até 1801, chamava-se freguesia de ‘Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova’. Posteriormente foi elevada a categoria de vila por ato do Vice-Rei, Conde de Resende (D. José Luiz de Castro), desta forma passando-se a denominar-se Resende em homenagem ao conde.

Verdadeira expedição conquistadora se desloca de Resende em direção ao “Oeste” paulista em busca de um novo campo de ação. Inicialmente são os “Barretos”, homens de recursos, ativos, sertanistas e inteligentes que lançaram diversas lavouras naquela região, disseminando princípios racionais de agricultura num meio até então considerado inóspito. Introduziram o café Bourbon que se espalhou vertiginosamente por todo o “Oeste” paulista, desta forma trazendo a riqueza e a prosperidade que tomariam conta da economia da região e fariam Ribeirão Preto se tornar o novo “Eldorado do Café”. Ribeirão Preto no início do século tinha sua população constituída de 2/3 de fluminenses, sendo Resende o ponto em que a migração se revelou em maior amplitude⁵.

*“Vamos para São Simão que os cafés daqui não dão”*⁶ - era a crítica manifestada numa marchinha de Carnaval em Resende na década de 70 do século XIX, que refletia a decadência da produção cafeeira fluminense como um todo, especialmente a resendense, pelo cansaço das terras e principalmente pela falta de mão-de-obra escrava, conseqüência da proibição do tráfico de escravos e das leis do Ventre Livre e dos Sexagenários.

Assim, em janeiro de 1876, o coronel José Pereira Barreto, irmão de Luiz, seu filho Fabiano, o ‘Bizinho’, seu sobrinho Antônio de Paulo Barreto Ramos e seus irmãos Miguel Pedroso Barretto e Francisco Pereira Barretto, saíram em expedição para conhecer as terras do então, “Oeste” paulista. Da Estrada de Ferro Pedro II, hoje Central do Brasil, seguindo até Cachoeira Paulista, ponto então terminal dessa via férrea. Ali chegados, em janeiro de 1876, acompanhados de escravos pagens, transportando enormes cargueiros, que haviam partido antes pela estrada de rodagem, margeando a várzea do Paraíba, prosseguiram até Jacareí, onde os aguardava o Dr. Luiz Pereira Barretto, pronto para acompanhá-los às plagas tão faladas do “Oeste paulista”. Depois de uma demora de alguns dias em Jacareí, para descanso das fadigas que lhes trouxera a grande

⁵ Veja livro do Dr. Antônio de Almeida Prado: “Crônica de Ourora”, (Ed. Brasiliense/1963; pag. 79).

⁶ **São Simão** era o Maior município do “Oeste paulista”, na ocasião, e ponto terminal da Mogiana. Posteriormente foi desmembrado em vários outros municípios, que deram origem a: Ribeirão Preto, Cravinhos, Sertãozinho...etc. Veja no livro de Beatriz Garcia: “O Romance do Café” - (Ed. Alfa-Omega - SP/1999) pag. 143.

caminhada ao longo do Vale do Paraíba, os ilustres Barretos, seguros no feliz êxito da aventura a que iam entregar-se, puseram-se de novo a caminho do “Oeste paulista”, através da expedição que integravam, depois conhecida como a: “**Caravana Pereira Barreto**”⁷.

Partindo de Jacareí, os Barretos passaram por Camanducaia e Ouro Fino, em Minas Gerais e Espírito Santo do Pinhal, já na província de São Paulo. Depois chegaram a Casa Branca. A partir daí, foram guiados pelo coronel Hipólito de Carvalho, que conheceram naquela cidade. O entusiasmo para com as terras paulistas era tão notório que o Dr. Luiz disse ao guia Hipólito, enquanto descansavam num hotel: “*Estamos maravilhados... São Paulo dentro de poucos anos será o maior empório cafeeiro do mundo. Para isso, só lhe faltam fáceis meios de transporte. Felizmente o paulista é inteligente e empreendedor e, em breve, fará com que estradas de ferro rasguem todos os seus sertões. Assim, a imigração virá.*”

De Casa Branca, os Pereira Barretto chegaram à Fazenda Cravinhos, de 80 alqueires, que foi comprada de Antônio Caetano por Luiz Pereira Barreto, por 36:000\$000 (trinta e seis mil contos de réis), algo entre R\$ 300 mil e R\$ 400 mil atualmente (em torno de 150 ou 200 mil dólares). Nesse período, embora existissem outras propriedades na região, iniciava-se a formação da cidade de Cravinhos. O local onde hoje se encontra a cidade foi a Fazenda Cantagallo, de 80 alqueires, também comprada por

⁷ **Caravana Pereira Barretto** - Veja livros: “Cravinhos - Histórico. Geográfico. Comercial e Agrícola” - (Prof. Francisco Gomes; Tipografia Selles - Ribeirão Preto / 1922) - “O Ribeirão Preto, Histórico e para História” (Prof. Plínio Travassos dos Santos, Ribeirão Preto - 1938)

Obs.: A ‘**Caravana**’ ou ‘**Expedição Conquistadora**’, conforme menciona Rubem Cione em seu livro: ‘**A História de Ribeirão Preto**’, foi quem fez a transmutação da cafeicultura valeparaibana, com marcante hegemonia fluminense, devido ao seu declínio e exaustão de suas terras, para criação de um novo ciclo cafeeiro em nosso país, no ‘Oeste’ paulista.

É importante também não olvidar de que o café no Vale do Paraíba Fluminense foi quem sustentou economicamente o Império. No auge da cafeicultura no Vale do Paraíba (1860), a produção cafeeira fluminense alcançava 78% da produção nacional. O vale paulista representava 12%, e Minas Gerais mais o restante do país, 10%.

Posteriormente a ida do café foi para o “Oeste paulista”, aí sim, São Paulo passou a ter uma produção avassaladora, que foi o início do grande desenvolvimento paulista.

Luiz Pereira Barreto, de Domingos Borges, ao valor de 600\$000 (seiscentos mil réis).

Com a compra da ‘Cravinhos’ (hoje pertencente ao empresário Luís Biagi), os Barretos retornaram a Resende, para prepararem a mudança definitiva para a região de Ribeirão Preto naquele mesmo ano, em novembro 1876. Voltaram com as famílias completas, equipamentos agrícolas e cerca de 60 escravos para iniciar o plantio do café. E o café não era mais o *Typica*, o comum nacional, mas o Bourbon, trazido por Luiz Barreto da Fazenda Vargem Grande, em Resende, onde ele, com seus conhecimentos agrônômicos, fizera multiplicar sementes trazidas da Europa.

Derrubaram, ceifaram e queimaram matas virgens. Foi um ceifar sem piedade, naquele “oceano” verde.

Derrubadas as matas, vieram as queimadas gigantescas, cobrindo toda a terra de cinzas, para que estas, qual novo Fênix, surgisse a grande lavoura cafeeira, que foi durante muito tempo, o esteio daquela região. Ao fim de três anos, os Barretos possuíam as mais famosas lavouras da região do excelente café Bourbon, com as sementes trazidas da Fazenda Monte Alegre na Vargem Grande em Resende-RJ.

A geadada de 1870, parecia uma advertência contra a tentativa do aproveitamento do “Oeste paulista para a lavoura cafeeira em grandes extensões...

Qual nada - sentenciava confiante, certo do bom êxito, o Dr. Luiz Pereira Barreto aos irmãos. - *“Não tenhamos medo; plantemos café aos milhões, que a sua defesa contra a geadada é uma simples questão de enxada”, A imaginação européia ai está às portas...”*.

- *Perfeitamente, Lulu* - replicou o seu irmão Miguel. - *“Não devemos ter medo do futuro... Ribeirão Preto é uma terra abençoada...! Deus o fez e perdeu a receita...!”*

Contudo, os Barretos não esmoreceram, plantaram o cafezal na região, em sua maioria, o excelente ‘Bourbon’, garantidor da primazia cafeeira paulista, das sementes trazidas cuidadosamente de Resende, como ‘pepitas de ouro’, quando da mudança deles para a região das terras roxas “encaracoladas”, também vulgarmente conhecidas por “sangue de tatu”.

O café ‘Bourbon’, nasceu por experiência de fecundação por hibridação do café Libéria com o café Comum, realizada pelo Dr. Luiz Pereira Barretto, na Fazenda Monte Alegre na Vargem Grande em Resende. O seu irmão Francisco Pereira Barretto, encontrando-se no Rio de Janeiro, na residência de um amigo, conheceu o comandante de um navio cargueiro, que trouxera da África, embalagens de bambú com mudas de café Libéria, que tinha uma qualidade diferente do café vulgarmente conhecido no Brasil, que era o denominado como café Comum.

Comprou várias mudas por um alto preço na ocasião e levou para Resende, plantando-as na horta da Fazenda Monte Alegre e algum tempo depois, principiam a nascer ao redor das mudas do Libéria, umas quarenta ‘orelhas-de-onça’, denominação dada ao café quando nasce.

Desenvolvendo-se as ‘orelhas-de-onça’, observaram os Barrettos, uma diferença entre elas e as plantas do “Liberia”, bem como, com o café “Comum”. Tempos depois, foram as plantinhas separadas e cuidadosamente transplantadas para covas definitivas. Na primeira floração do “Liberia”, Dr. Luiz Pereira Barretto verificou tratar-se de café inferior, selvagem, pois era exagerado o tamanho das flores. Perdida essa florada, na segunda resolveu o grande cientista provocar a fecundação artificial das flores do Libéria” com as do café resultante das sementes nascidas nas embalagens e com as do café Comum. Portanto, feita a delicada operação, assinalou as flores fecundadas e algumas dessas flores vingaram, e os frutos, quando maduros, foram colhidos, plantados e convenientemente tratados. Contudo, vingaram cinco pés, apenas.

Eram plantas lindas, com as características de excelente qualidade, e completamente diferentes do Libéria e dos demais. Com o produto desses cinco pés, ao cabo de quatro anos, os Barrettos iniciaram a plantação de regular cafezal de Bourbon, nome com que foi batizado pelo Dr. Luiz Pereira Barretto, o novo café obtido, apesar de aconselhado por amigos, para que lhe fosse dado a denominação de café “Barretto”. A preferência foi por se lembrar o Dr. Barretto, ter conhecido nas estufas da Universidade de Bruxelas, uma qualidade de café muito semelhante aquele, conhecido pelo nome de “Bourbon”. Daí a história da famosa variedade conhecida pelo nome de café “Bourbon” que se destacou pela grande produção de seus arbustos de 2 a 3 mts de altura, de forma mais ou menos cilíndrica com folhas verde-claras e quando maduras ficam verde escuras,

elípticas, levemente coriáceas, com lâmina e margem mais ondulada do que a variação *typica*.

Em 1876, quando de sua mudança para Cravinhos, no “Oeste” paulista, os Barretos levaram nos cargueiros transportadores da bagagem, cuidadosamente, como pepitas de ouro, sementes do ‘bourbon’ resendense, daquele cafezal abençoado, resultante da feliz fecundação feita pelo sábio Dr. Luiz Barretto, as quais foram plantadas na Fazenda Cravinhos. Luiz Pereira Barretto, vibrante de fé e entusiasmo, inoculou em todos, em memorável campanha de propaganda, a confiança necessária para o prosseguimento e consolidação desta nova grande lavoura cafeeira e foi assim que Ribeirão Preto depois de poucos anos, trabalhados e lavrados inicialmente pelo braço escravo e caboclo, e posteriormente pelos braços dos imigrantes, tornou-se o maior centro cafeeiro do mundo.

Entretanto em 1885, Pereira Barretto abandona a lavoura cafeeira, tornando-se viticultor, pois achava que seríamos capazes de produzir, não só café e borracha, como país tropical, mas também poderíamos produzir o vinho que seria a única forma de atrair o colono europeu em emigração voluntária. Dizia: *“A vinha é vista pelo europeu, não como um arbusto qualquer, mas como uma verdadeira pessoa, um membro da família, uma segunda companheira que sempre amou e adorou”*. Dispôs-se a cultivar a “*Vitis vinifera*” em Pirituba, nos arredores de São Paulo, em uma verdadeira estação experimental agrícola, onde chegou a reunir mais de 400 variedades de uvas vindas da França, Portugal, Itália, Egito, Síria... etc. No entanto, apenas a uva nascia e crescia, já era vítima de doenças produzidas por fungos que atacam principalmente as folhas. Apoiando-se na doutrina de Pasteur, estudou, correspondeu-se com os mestres da viticultura européia e após vários anos de trabalho, de esforços, de despesas e de incertezas, enviou ao Professor M. Victor Pulliat, grande ampelógrafo, Diretor da Escola de Viticultura de Lyon, seu relatório “*A Viticulture à Saint Paul*” em 1888, sobre o cultivo de uvas no nosso clima tropical, com muito calor, umidade e bastante chuvoso durante o verão. Pulliat, assombrado, pois não era médico e não conhecia ainda a doutrina microbiana de Pasteur, foi tomado de espanto diante da carta de Barretto, passando dias a lê-la e relê-la, sem saber se ela procedia de um lunático ou de um homem extraordinariamente inteligente. Não obstante, já que a carta não continha nenhum absurdo,

apesar de suas opiniões insólitas no domínio da ampelografia, resolveu responder favoravelmente, porém com certo ceticismo. Algum tempo depois, Barretto enviava-lhe belos exemplares de uvas européias, nascidas no Brasil. Entusiasticamente, Pulliat exclamava que “Se o Brasil tivesse meia dúzia de homens como o Dr. Barretto, a viticultura européia estaria vencida!”. Nosso patrono colaborou durante 12 anos na imprensa européia, e em especial na francesa, dando lições aos viticultores europeus.

“JÁ NÃO HÁ VINHO QUE NOS ENVERGONHE...”

O sucesso das videiras do Dr. Barreto foi publicamente apresentado à sociedade paulistana em de 1897, na “Exposição das Uvas”. O evento foi patrocinado pela veneranda e de tradicional família paulistana D. Veridiana Prado. Nessa festa aconteceu um interessante encontro de sábios. O poeta Olavo Bilac, de passagem pela cidade, escreveu uma ode espirituosa sobre o evento:

“Já não há mais vinho que nos envergonhe;
 Não beberemos Verde, nem Colares,
 Nem Bordeaux, nem Marsala, nem Bourgogne,
 Vindos de além dos mares!

(...)

E em prantos de ventura me derreto,
 Vendo-te, oh Baco, naturalizado,
 Graças ao Gênio do Dr. Barreto,
 Graças à Dona Veridiana Prado!”

Dizia Barretto: **“O caminho que o presente nos aponta e que o futuro exigirá de, nós é o da policultura. É preciso que se abandone o velho lema ‘o café dá para tudo’; é preciso compreender que a ciência permite fazer deste país uma maravilha; todas as culturas são aqui possíveis; podemos exportar tudo”**.

Pereira Barretto, como grande cientista que era, se lançou na grande campanha contra a febre amarela, pois achava que o saneamento não era só um dever de humanidade para a medicina, mas também uma medida de extrema importância política, pois a obtenção de uvas européias

no Brasil, provava a fertilidade de nosso solo e a excelência de nosso clima. Portanto a extinção das moléstias epidêmicas que nos assolavam, provaria sua salubridade e seria um estímulo e conseqüentemente um convite aos imigrantes europeus. Barretto, mais uma vez dá uma grande contribuição para a ciência, causando uma enorme polêmica quando afirma que a febre amarela não era contagiosa e sim um problema de saúde pública devido a contaminação das águas.

Então publica uma série de artigos na imprensa em defesa de sua tese, que acabou prevalecendo. Num desses artigos, ele cita o exemplo de Resende: *“Em Resende, sobretudo, o problema se apresenta em sua maior simplificação. A cidade está dividida em duas partes pelo rio Paraíba, achando-se uma em colina e abastecida de excelente água canalizada, e a outra em planície não dispendo senão de água de poço. Ora, ao passo que esta última está sendo flagelada pela febre amarela, a outra permanece completamente indene”*.

Posteriormente em Havana foi descoberto o transmissor, que era um mosquito denominado na ocasião de *“stegomya”*, e hoje conhecido como *“aedes aegypti”*. Logo após, começou-se a combater o mosquito através da pulverização com inseticidas, por iniciativa e campanhas coordenadas pelo Dr. Osvaldo Cruz no Rio de Janeiro.

Pereira Barretto foi também o introdutor da cerveja em nosso país. Em 1885, foi organizada em São Paulo a Cia. Antártica com a finalidade de produzir presuntos e outros artigos congêneres. Os cálculos falharam, pois logo após a instalação da grande fábrica, a matéria prima começou a escassear, devido ao avassalamento da lavoura de café que se espalhava por todo o interior. A cultura do café extinguindo a fonte de produção de porcos, desfechou um golpe mortal sobre a nova indústria nascente. As custosas e magníficas instalações, não tinham mais razão de ser; não restava à utilíssima empresa, outro recurso senão fechar as suas portas. Entretanto, Pereira Barretto mais uma vez entra em ação, propondo aos diretores e acionistas que aproveitassem os excelentes aparelhos de fabricação de gelo de que dispunha a Antártica, passando a companhia a fabricar cerveja. Portanto, no dia da assembléia geral que seria para extinção da empresa, Pereira Barretto faz uma explanação da viabilidade de se transformar aquelas magníficas instalações em uma fábrica de cerveja. Até então ninguém acreditava na possibilidade de se fabricar cerveja no

Brasil, pois o nosso clima parecia a todos um obstáculo insuperável. Contudo, uma grande indústria constituiu-se, os acionistas se enriqueceram, a empresa tornou-se milionária e a cerveja pioneira da Antártica derramou-se por todo o país, desta forma cessando a importação desta bebida, afirmando-se a nossa emancipação em um domínio que até então fôramos inteiramente tributários.

Como se não bastasse, este cientista, foi também o descobridor dos benefícios que o guaraná traz a vida do homem. Foi o pioneiro nos estudos científicos e na realização de experiências com o propósito de produzir uma bebida refrigerante industrializável, com base no guaraná, criando um método de processamento desse fruto, que deu origem ao xarope do guaraná, utilizado até hoje na fabricação do refrigerante.

Contudo, é uma árdua tarefa poder sintetizar a vida de Pereira Barretto, pois ele cuidou de tudo, ou quase tudo: medicina, filosofia, educação, imprensa, cafeicultura, pecuária, sociologia, viticultura, política, geologia, etc. No entanto, de tudo que tratou, sempre fez com muito discernimento, segurança e sabedoria, conquistando as credenciais de sábio, com que passou para história. E, é como sábio, como um cidadão onisciente, que dominou com lucidez todos os problemas do homem, que podemos, sem nenhuma sombra de dúvida, dizer em uma só palavra, desta forma sintetizando todas as suas qualidades, que ele foi acima de tudo, um **Humanista**.

Roque Spencer Maciel de Barros em seu livro: “A Evolução do Pensamento de Pereira Barretto” diz: “*Chamaram ao médico do Vale do Paraíba, muitas vezes, ‘o sábio dr. Barretto: Parece-nos mais exato - e mais nobre mesmo chamá-lo ‘o educador Pereira Barretto’. Por que, que é, senão educador, o homem que anela despertar o seu país, erguê-lo e dar-lhe consciência de si próprio, para que este cumpra o papel histórico reservado a todos no estado positivo da mentalidade humana?*”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“**Reminiscências de Resende. Estado do Rio, às plagas paulistas de São Simão, Batatais, Altinópolis e Ribeirão Preto**”. (Renato Jardim, Ed. José Olympio - São Paulo/1946)

- “O Ribeirão Preto, Histórico e para História”** (Prof. Plínio Travassos dos Santos, Ribeirão Preto -1938) Obs: O Museu do Café de Ribeirão Preto foi organizado e fundado pelo Prof. Plínio Travassos dos Santos e tem o seu nome em homenagem à memória deste ilustre historiador.
- “Cravinhos - Histórico, Geográfico, Comercial e Agrícola”** - (Prof. Francisco Gomes; Tipografia Selles - Ribeirão Preto 1922)
- “O Município e a Cidade de Ribeirão Preto”**- (1822 - 1922) na Comemoração do Primeiro Centenário da Independência Nacional.
- “Família Pereira Barretto”** - Notas Genealógicas (Itamar Bopp/São Paulo -1983)
- “Luiz Pereira Barretto e o Café Bourbon”** (“O Estado de São Paulo” - 15/10/1937) autor: C. A. Krug/Instituto Agronômico de Campinas
- “A arte de fabricar o vinho - Manual do Vinicultor”** - Luiz Pereira Barretto -Editora Red. da Revista Agrícola - 1900
- “A História de Ribeirão Preto”** vol. III (Prof. Rubem Cione - RP/1958)
- “Crônica de Outrora”** de A. de Almeida Prado - Ed. Brasiliense - São Paulo/1963
- “A Evolução do Pensamento de Pereira Barretto”** de Roque Spenser Maciel de Barros Ed. da USP / Ed. Grijalbo (SP/1967)
- “Café e Ferrovias”** de Odilon Nogueira de Matos (Ed. Alfa & Omega-São Paulo/1974) Obs: Atualmente editado pela Editora Pontes - Campinas-SP
- “O Café - no segundo centenário de sua introdução no Brasil”**, Departamento Nacional do Café - Rio de Janeiro/1934
- “O Café em São Paulo”**- Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de SP/ 1927
- “Obras Filosóficas de Luiz Pereira Barretto”** (Vol. I) org. por Roque Spencer Maciel de Barros. Editorial Grijalbo - SP/1967
- “Obras Filosóficas de Pereira Barretto”** (Vol. II) org. por Roque Spenser Maciel de Barros. Editora da Univ. Estadual de Londrina-PR /2001
- “História do Positivismo no Brasil”** - Ivan Lins (Cia. Editora Nacional/ SP-1967)
- “Notícias Históricas e Estatísticas do Município de Resende, desde a fundação”** de João de Azevedo Carneiro Maia (Typographia da Gazeta de Notícias - RJ/1891)
- “O Café em Resende no século XIX”** de Maria Celina Whately (José Olympio Editora, Rio de Janeiro/1987)
- “Romance do Café”** de Beatriz Gartia (Ed. Alfa - Omega - São Paulo/1999)

PRINCIPAIS OBRAS DE PEREIRA BARRETTO

“As Três Filosofias: Filosofia Teológica”. Rio de Janeiro - Ed. Laemmert/1884.

“As Três Filosofias: Filosofia Metafísica”. Jacareí - Tipografia Comercial/1876

“Positivismo e Teologia: uma polêmica”. São Paulo - Livraria Popular/1880.

“Solucões Positivas da Política Brasileira”. São Paulo - Livraria Popular/1880.

“O Século XX sob o Ponto de Vista Brasileiro”. São Paulo - Tipografia do Estado de São Paulo/1901.

“A Arte de Fabricar o Vinho -Manual do Vinicultor” - Luiz Pereira Barreto (Editora da Revista Agrícola - São Paulo/1900).